

*Cristovam Buarque; Senhores Ministros; Senhores Embaixadores; Senhoras e Senhores,*

É muito grato receber este livro, neste momento, das mãos do Professor Luciano Martins e ouvir as palavras que foram aqui proferidas. Ontem, eu tive oportunidade, na presença do Ministro José Israel Vargas, que está aqui de novo, de me referir – na entrega de um prêmio sobre os jovens cientistas – à importância crescente, no mundo de hoje, que a produção da ciência e da cultura em geral tem para a sociedade e para o Governo.

O Governante que não se aperceber disso vai, provavelmente, incorrer em equívocos. Num certo exagero – olha que o Hélio Jaguaribe não estava presente para me inspirar – eu disse: creio que estamos vivendo um momento comparado ao do Renascimento. Eu tenho repetido esse tema, insistido até. Vi um artigo do Pedreira sobre isso outro dia. Vejo que ele tinha mencionado de outra maneira, do ângulo socioeconômico, algo semelhante, e nós não podemos deixar que isso ocorra sem que façamos um esforço de compreensão, para nos situarmos.

Tenho tentado lutar contra – não posso mais usar palavra nenhuma que depois sai de outra maneira – essa visão morrinha que existe, muitas vezes, que faz com que as pessoas fiquem sempre olhando para perto, para baixo, sem grandeza, sem perceber que estamos vivendo um grande desafio. E não é só o Brasil. É um processo mais geral, mais amplo, da Humanidade. Mas nós estamos inseridos nele.

Chamei, outro dia, de Revolução Silenciosa a que está ocorrendo na sociedade brasileira. Está ocorrendo essa revolução, está havendo uma mudança muito grande do modo de comportamento, de mentalidade, de expectativa. E é preciso, hoje, que o governante perceba isso. E ele não vai perceber sozinho, nem pode. O dia-a-dia é terrível, é árduo, não permite que ele consiga vislumbrar muitas das mudanças que estão ocorrendo.

Por isso, não foi só um momento de um seminário. É preciso que haja continuidade da reflexão e que essa reflexão se faça com toda a liberdade. Ainda há pouco, estávamos aqui reunidos, um grupo de pessoas de um grupo de assessoria de pesquisa que nós temos, com esse mesmo propósito de manter sempre viva a chama do conhecimento, da informação nova.

Isso tem a ver com a mudança do Estado. E repito o que tenho dito ultimamente, porque é preciso repetir: não se trata somente de mandar três ou quatro emendas constitucionais que o Ministro Bresser preparou sobre a Administração Pública. Isso é extraordinário, mas é muito pouco. Não é assim que se muda, só através de emendas constitucionais ou de lei, o Estado brasileiro. É preciso mudar as práticas. É preciso mudar o modo de relacionamento.

E essa mudança requer uma enorme quantidade de energia, que não pode ser buscada só dentro do Estado. Tem que vir da sociedade também. Vem sob forma de pressão da sociedade – é bom que venha –, mas tem que vir também sob forma de reflexão das elites brasileiras, que têm capacidade de fazer as análises pertinentes.

E nós estamos nesse processo de transformação do Estado. É preciso que o Estado – não só o Governo –, o Estado, a máquina burocrática, as instituições de governo no seu conjunto se conectem mais com as mo-

las propulsoras do pensamento no Brasil, com aqueles que são capazes de fazer, criticamente, análises de situações, com muita liberdade, com plena capacidade de exposição do que pensam.

É com esse espírito que nós estamos dando continuidade ao que foi esse seminário, prévio ao Governo, agora um pouco mais organizada-mente. E eu vejo, com muita satisfação, a presença de tão significativos membros da intelectualidade brasileira aqui, não só da academia, mas de vários outros setores, inclusive do jornalismo, do setor do próprio Estado, através dos seus altos dignitários mais ligados à formulação de políticas, como os que estão trabalhando no Itamaraty, na SAE, na assessoria direta da Presidência.

E quanto mais nós tivermos a capacidade e a capilaridade para que o Governo possa, também ele, se ver envolvido nesse processo de criatividade, mais estaremos nos preparando para responder aos desafios desse tipo de renascimento que eu acho que está ocorrendo no mundo todo e que nos obriga a um reposicionamento.

Esse reposicionamento tem que ser feito com uma visão de horizonte mais amplo. E acho que é obrigação do Presidente da República tratar, o quanto possível, de estimular que seja mais perceptível para o País a sensibilidade que têm a sociedade e os órgãos dirigentes para esses novos desafios e a convicção tranqüila, serena, sem bazófia, mas firme, de que nós vamos enfrentá-los e vamos ser capazes de superar esses desafios, construindo, crescentemente, formas de convivência política, formas de organização administrativa e estatal e formas de relacionamento com a sociedade, que assegurem maior possibilidade para o conjunto do País de se inserir nesse novo momento da Humanidade.

Muito obrigado a vocês pela gentileza de terem vindo aqui.

